



PLANOS UTÓPICOS

concretude e subjetividade da cidade

Organizadoras: Havane Melo e Nivalda Assunção



Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais

PLANOS UTÓPICOS

concretude e subjetividade da cidade

Organizadoras: Havane Melo e Nivalda Assunção

Brasília-DF
Editora Universidade de Brasília
2024

Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais

PLANOS UTÓPICOS

concretude e subjetividade da cidade

Adriana Araujo
Ana Lúcia Canetti
Anésio Azevedo
Capra Maia
Havane Melo
Karine de Lima
Léo Tavares
Nivalda Assunção
Paulo Vega Jr.
Priscilla Rampin

Brasília-DF
Editora Universidade de Brasília
2024

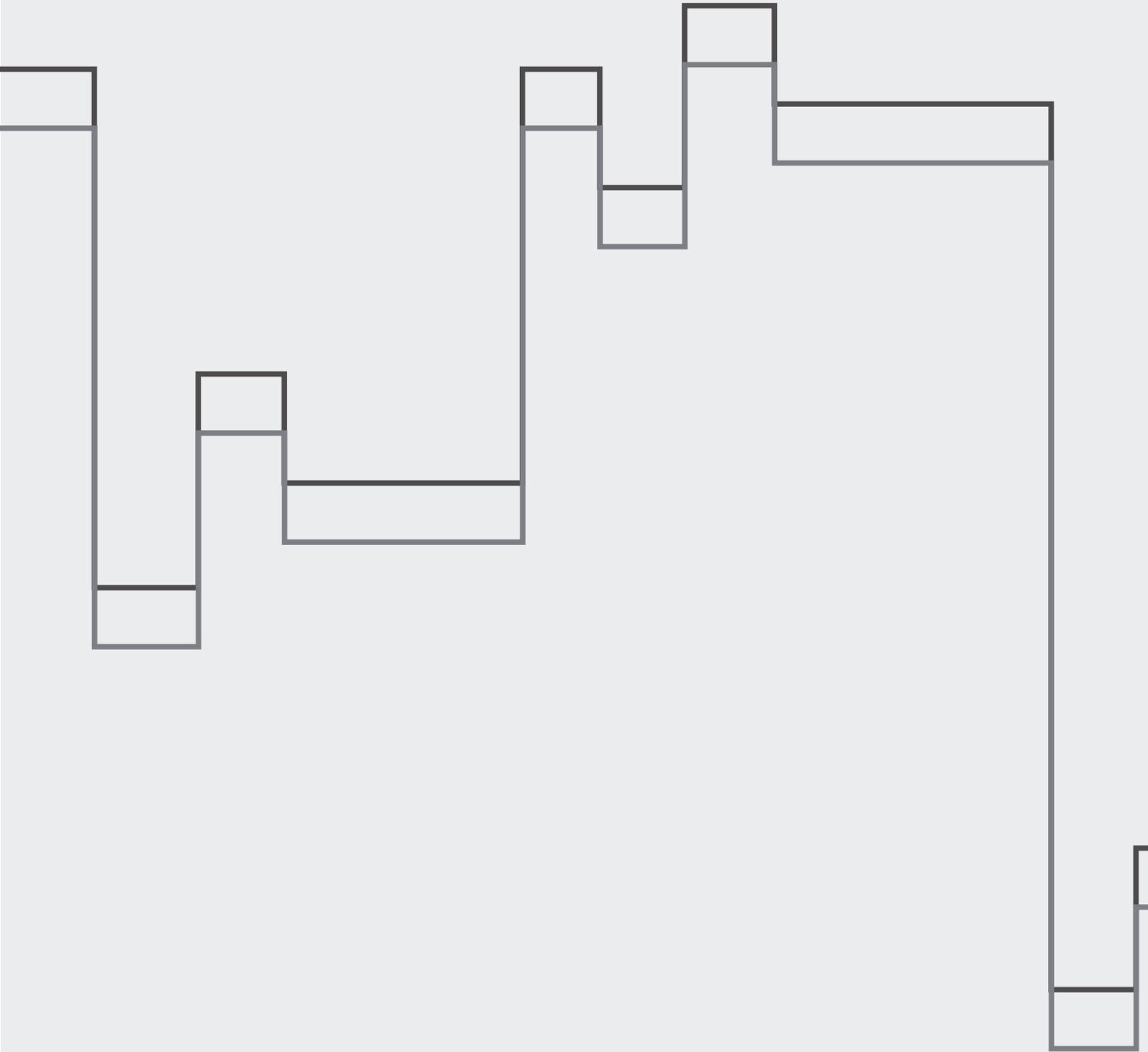
SUMÁRIO

Apresentação

GEPPA	7
Texto curatorial	9
MUnA	11

Exposição Planos Utópicos

Capítulo 1 Do cruzamento à encruzilhada, de Adriana Araujo.....	14
Capítulo 2 Colher e transformar os restos: poéticas das cinzas em terras queimadas na capital do Brasil, de Ana Lúcia Canetti	28
Capítulo 3 espaços inquietos, de Anésio Azevedo Costa Neto (stellatum_)	39
Capítulo 4 Processos escultóricos orientados para a (des)semelhança: o modular manual de cinza sobre cinza, de Capra Maia	46
Capítulo 5 A ponte entre verdade e ficção percorrida pela captura da imagem nas obras <i>Estranhas diversões e Memórias, sombras e cicatrizes</i> , de Havane Melo	54
Capítulo 6 <i>Sobre ser céu</i> , de Karine de Lima	68
Capítulo 7 Brasília utópica, verbovisual, imaginária: cotidiano e paisagem urbana na colagem contemporânea, de Léo Tavares	77
Capítulo 8 O insólito dos planos utópicos: desvios como retratos de uma cidade, de Nivalda Assunção	86
Capítulo 9 Linhas de desejo, de Paulo Vega Jr.	95
Capítulo 10 Notas sobre a melancolia, de Priscila Rampin	101
Biografias	114
Agradecimentos	119
Ficha técnica	120



CAPÍTULO 2

COLHER E TRANSFORMAR OS RESTOS: POÉTICAS DAS CINZAS EM TERRAS QUEIMADAS NA CAPITAL DO BRASIL

Ana Lúcia Canetti

Brasil, Brasília

A nossa verdade não é verde, nem amarela, antes tem a cor das cinzas. Nossa história é a produção de restos. Restos. As cinzas são o fruto da combustão da natureza e do corpo morto feito cadáver. Elas são a verdade que no avesso da vida reúne natureza e cultura. Em nosso caso, define-se pelas cinzas a própria passagem da natureza para a cultura. Uma passagem pela morte; um tempo sem reconciliação (TIBURI, 2004, p. 45).

No texto intitulado *Brasil Cinza* (2004), Márcia Tiburi afirma que nós brasileiros, do ponto de vista histórico, somos sobreviventes de grandes incêndios, depredações e da colonização. A autora faz uma reflexão sobre nossa identidade ter sido construída a partir do que eliminamos, a exemplo da ação de exploração e extinção da planta que nos nomeia: o Pau-Brasil. Desta forma, afirma que somos constituídos pelo que exploramos, matamos ou destruimos; demarcados pela morte em nossa passagem da natureza pela cultura. *Brasil, Brasília: cor das cinzas.*

Para além da cor das cinzas e do verde e amarelo de nossa bandeira, Tiburi (2004) questiona o fato de que não estamos mais sendo o vermelho da brasa, a cor vermelha da árvore do Pau-Brasil e da pele de nossos povos originários. Lança a provocação:

Como manter brasas acesas, se brasas apagam-se transformando-se em cinzas? Ou seria antes ainda uma questão de preservar a luz, de criar salamandras que pudessem atravessar o calor das brasas? O que é a morte do vermelho vivo? (...) Nossa luz foi apagada. Nossa única cor advém da matéria que define nosso presente como sobra do passado. Cinza de restos de madeira queimada, de matas dizimadas, cinza de cadáveres (TIBURI, 2004, p. 44-45).

Os restos e as cinzas aparecem, nesta análise, como elementos fundantes de nossas vivências e imaginários. Entretanto, a autora nos impulsiona a pensar estratégias para mantermos nosso vermelho ainda vivo, as brasas acesas, criando faíscas ou salamandras que atravessem o calor e mantenham nossas luzes acesas.

Caminhar, colher e transformar

O ano era 2022. Enquanto caminhava em um terreno queimado no Plano Piloto da capital do Brasil, percorrendo os restos de um tempo repleto de incêndios e pisando nas cinzas de um país em ruínas, me pus a pensar se ainda existiriam formas de mantermos nossas brasas acesas. Haveria maneiras de colher ou transformar as sobras daquele tempo? A partir do breu daquela paisagem, ainda seria possível se produzir brilho? E o nosso olhar, ainda seria capaz de incendiar, brilhar? O que a Arte ainda poderia cultivar?

Anna Lowenhaupt Tsing afirma que “em um estado global de precariedade, não temos outras opções além de procurar vida nessa ruína” (2019, p.7). Ela diz que teorias e conceitos emergem melhor da atenção para o mundo, não precisando o pesquisador se afastar muito de casa, pois “a vida nas ruínas está em toda parte à nossa volta” (2019, p. 18). Desta forma, propõe a ativação de campos abandonados, animando lugares e gerando novas relações multiespécies e multiculturais nas paisagens.

Uma paisagem familiar composta por uma mata queimada de cerrado, percorrida cotidianamente na cidade de Brasília, ergueu o desejo de compartilhar questionamentos ou impulsionar a construção de uma proposta de ação coletiva naquele local.

Primeiramente, tomo como referência um poema-correspondência de Ana Martins Marques, trocado com o também poeta Eduardo Jorge (2017), em que a autora transforma o protocolo de incêndio do condomínio onde morava em uma poesia:

no protocolo de incêndio
do condomínio do edifício JK
está escrito
não fique parado na janela sem nenhuma defesa
o fogo procura espaço para queimar
e irá buscá-lo se você não estiver protegido
e também: mantenha-se vestido e molhe suas roupas
e também: feche todas as portas atrás de você
e ainda: rasteje para a saída, pois o ar é mais puro junto ao chão
e ainda: uma vez que tenha conseguido escapar,
não retorne
(MARQUES & JORGE, 2017. p. 29).

Vivendo em um país em chamas, haveria um protocolo possível a se seguir? Diante de uma terra em cinzas, como proceder? Não ficar parado, não retornar? Rastejar para a saída, buscando um ar mais puro junto ao chão? Proteger-se, fechando todas as portas atrás de nós? Já que o fogo procura espaço para queimar, como ocupá-lo para que não tome tudo ao redor?

Construo um novo protocolo, como uma forma de releitura do poema-correspondência de Ana Martins Marques (2017):

no protocolo de colheita
dos Jardins das Ruínas
está escrito:
não fique parado
pois é tempo de esperar
e também: caminhe
e colha as cinzas com as mãos
separando-as da terra delicadamente
os frutos dessa terra são leves, escuros, rasteiros
imagine-os antes verdes
agora cinzas
e depois como brilhos
e ainda: após colher o que sobrou das ruínas
chegará a hora da celebração
de um tempo que virá.
(A autora, 2022).

A partir deste protocolo, realizo a proposição artística intitulada Colheita de Cinzas nos Jardins das Ruínas (figura 01), onde convido um grupo de pessoas para uma caminhada e colheita coletiva de cinzas, percorrendo aquele terreno incendiado. Nesta ação artística são realizados registros em fotografias e filmagens e, na sequência, um vídeo é construído a partir destes registros e da edição de trechos do protocolo, que foi lido aos participantes no início da caminhada realizada.





Figura 1 – Ana Lúcia Canetti. Frames do vídeo Colheita de Cinzas nos Jardins das Ruínas. Fotografias e vídeos: Mariana Alves. Edição: Davi Machado. 2022. Vídeo disponível em: Vídeo 5' - Colheita de Cinzas nos Jardins das Ruínas (2022). Fonte: Havane Melo.

Caminhamos imaginando futuros e colhemos cinzas vegetais juntos, como se jardinássemos aquela ruína esquecida. Colhemos os restos da queimada como frutos e promessas de um porvir, exercitando um esperar. Jardinamos aquele lugar, sentindo que a colheita se transformaria em algo futuramente, abriria uma nova sementeira.

Byung-Chul Han (2021) afirma que perdemos a veneração pela Terra, não a escutando mais. Jardinar seria uma espécie de louvor à Terra, já que exige cuidado, cultivo, tempo. Por isso, a ação artística de colheita coletiva de cinzas em um país em derrocada, foi um ato de jardinagem, onde dedicamos um tempo para colher os frutos daquele fogo.

O fogo é símbolo contraditório, associado à dialética entre origem/extinção, criação/destruição e morte/vida. Segundo Berge (1969), para Heráclito (apud BERGE, 1969), este foi o primeiro elemento na composição do cosmo, substrato fundamental e fonte criadora de tudo. Tudo vem do fogo e a ele tudo retornará. Tem esse caráter primordial, em constante movimento, agitando e transformando as coisas, como a natureza que está em permanente devir. É fonte criadora e término de todas as coisas.

Gaston Bachelard afirma o papel do fogo nas transformações: “pelo fogo tudo muda” ou “quando se quer que tudo mude, chama-se o fogo” (BACHELARD, 2008, p. 91). O autor trata também da contradição deste elemento, sendo dentre todos os fenômenos, o único, em sua opinião, capaz de receber duas valorizações contrárias: o bem e o mal.

Ele brilha no Paraíso, abrasa no Inferno. É doçura e tortura. Cozinha e apocalipse. É prazer para a criança sentada ajuizadamente junto à lareira; castiga, no entanto, toda desobediência quando se quer brincar demasiado de perto com suas chamas. O fogo é bem-estar e respeito. É um deus tutelar e terrível, bom e mau. Pode contradizer-se, por isso é um dos princípios de explicação universal (BACHELARD, 2008, p. 11-12).

Com base nas poéticas do fogo e seus movimentos contraditórios de criação e destruição, realizo uma outra proposta, a partir de uma nova ação de queima, para transformar os restos do fogo colhidos na caminhada por áreas incendiadas. Construo uma escultura (figura 2) em cerâmica onde o brilho decorre das cinzas vegetais fundidas na queima de alta temperatura (1220o a 1300o). Uma técnica milenar de transformação de uma matéria leve e cinza em algo rígido e brilhante. Antes breu, agora brilho.



Figura 2 – Ana Lúcia Canetti. Caminhando sobre cinzas. 2023. Cerâmica de alta temperatura (1250o) e esmaltação com cinzas. Fonte: Havane Melo.

O formato da peça foi construído partindo da figura da fita de Möbius, um objeto não orientável, onde não há parte de cima ou de baixo, dentro ou fora, sendo seu trajeto infinito. A ideia foi trabalhar com a mesma forma topológica presente no trabalho *Caminhando* (1964), de Lygia Clark, no qual a artista realiza uma proposição em que o participante percorre com a tesoura os diferentes planos de um papel em formato da fita, seguindo um fluxo contínuo: "se eu utilizo uma fita de Moebius para essa experiência é porque ela quebra os nossos hábitos espaciais: direita-esquerda, anverso-reverso etc" (CLARK, 1963).

A caminhada, no campo das Artes Visuais, se configura como ação de deslocamento em fluxos contínuos, passagem de um estado a outro, ato simultâneo de criação e contemplação ou "de leitura e escrita do espaço" (CARERI, 2013, p. 32-33). O caminhante, para Thierry Davila (2002), seria um inventor em circulação nas cidades, um construtor de mitos, narrativas, tendo como função "ficcionar a realidade, introduzir fábulas no movimento da cidade para fazê-la aparecer como é, exibi-la" (DAVILA, 2002, p. 79). Caminhar é transformar, é movimento, é ato criador.

O ato criador é uma forma de liberar uma potência de vida que estava aprisionada, abrindo e resgatando as "centelhas (as forças) contidas nas coisas" (AGAMBEN, 2018, p. 138), acendendo novamente nossas brasas, como faíscas, liberando as forças contidas na materialidade das cinzas vegetais colhidas nas ações de deslocamentos em caminhadas por terras queimadas ou nos processos de transformação das cinzas novamente pelo fogo, através do fazer cerâmico e da criação de vidrados da terra.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O fogo e o relato: ensaios sobre criação, escrita, arte e livros. Tradução Andrea Santurbano, Patricia Peterle. - 1 ed. - São Paulo: Boitempo, 2018.

BACHELARD, Gaston. A Psicanálise do Fogo. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, selo Martins. 2008.

BERGE, Damião. O logos heraclítico; introdução ao estudo dos fragmentos. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1969.

CARERI, Francesco. *Walkscapes*: O caminhar como prática estética. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013.

CLARK, Lygia. Caminhando, 1963.

Disponível em: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/189/caminhando>. Acesso em 04 jan. 2023.

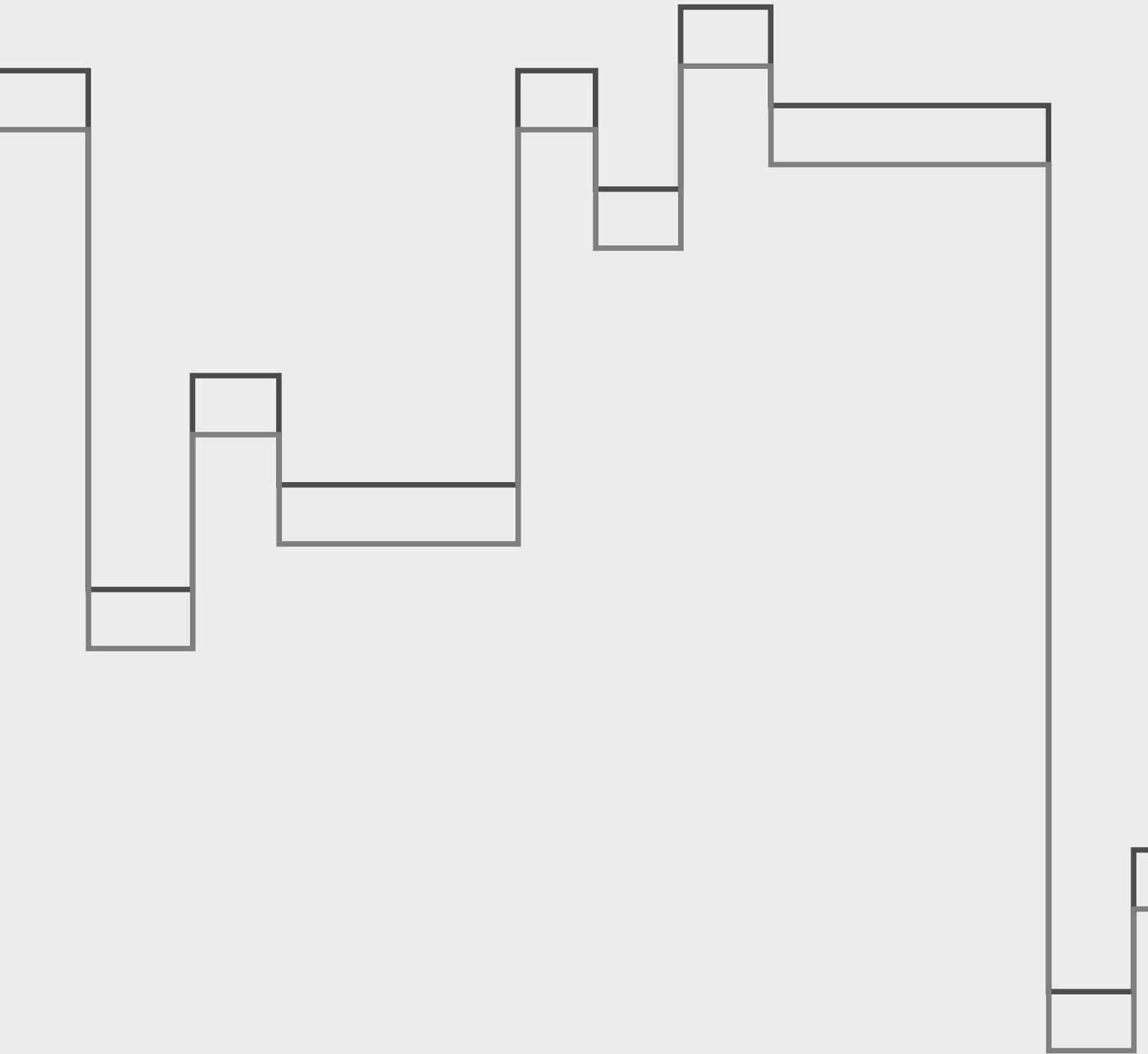
DAVILA, Thierry. *Marcher, Créer, Déplacements, flâneries, derives dans l'art de la fin du XX e siècle*. Paris: Editions du Regard, 2002.

HAN, Byung-Chul. Louvor à Terra : uma viagem ao jardim / ilustrações de Isabella Gresser; tradução de Lucas Machado – Petrópolis, RJ : Vozes, 2021.

MARQUES, Ana Martins & JORGE, Eduardo. Como se fosse a casa (uma correspondência). Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.

TIBURI, Márcia. Brasil Cinza. ARQTEXTOS (UFRGS), Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 42-49, 2004. Disponível em: https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_5/04_Marcia%20Tiburi.pdf. Acesso em 04 jan. 2023.

TSING, Anna Lowenhaupt. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.



BIOGRAFÍAS





Adriana Araujo

Desenvolve projetos em Artes Visuais, atuando principalmente nos seguintes temas: arte, instalação, meio ambiente e ações artísticas conjuntas. Doutoranda em Artes Visuais pelo PPGAV da UnB. Mestre em Artes Visuais pelo PPGAV da UFBA. Professora do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Oeste da Bahia.

Ana Lúcia Canetti

Doutoranda em Artes Visuais (Universidade de Brasília), mestre em Psicologia (Universidade Federal de Santa Catarina), licenciada em Artes Visuais (Universidade Estadual do Paraná – Faculdade de Artes do Paraná) e psicóloga (Universidade Federal do Paraná). Artista visual com ênfase em escultura em cerâmica. www.analuciacanetti.com

Anésio Azevedo Costa Neto (stellatum_)

stellatum_ é o nome artístico de Anésio Neto, Doutor em Artes Visuais (UnB), artista sonoro visual e professor de Filosofia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), onde também atua como pesquisador nos seguintes temas: Arte, Tecnologia, Ciência, Natureza e Espaço. stellatum_ explora o deslocamento espaço-temporal através de sons e imagens. Especificamente, suas composições sonoras transitam entre a música eletroacústica e a música ambiente, ora contando com paisagens sonoras naturais, ora com drones sintetizados. <https://open.spotify.com/artist/1i1zyhq7MnNKf4W7ffD7JH?si=8cVWb2ifRIGFjMsPCPtTnA>

Capra Maia

Doutoranda em Artes pela UFMG, Capra Maia investiga os efeitos que a passagem do tempo imprime na matéria por meio da atuação de agentes diversos.

Havane Melo

Professora do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Oeste da Bahia. Doutora em artes visuais e mestre em comunicação pela Universidade de Brasília. Artista visual com ênfase em fotografia, vídeo e design gráfico. Pesquisa narrativas ficcionais. www.havanemelo.com

Karine de Lima

Com especialização em Gestão Ambiental Integrada e mestrado em Artes pela Unb, desde 2016 dedica-se à produção artística e aos projetos envolvendo a relação entre corpo, espaço, cidade e natureza. Atualmente coordena a implantação do programa de educação urbanística ambiental da Secretaria Municipal de Planejamento Urbano da Prefeitura de Belo Horizonte. www.karinedelima.org

Léo Tavares

Doutor em Artes Visuais pela Universidade de Brasília. Pesquisa a relação entre a palavra e a imagem. Autor de literatura, artista visual e professor. https://web.m-art.art/#/artistas/leo_tavares

Nivalda Assunção

Nivalda Assunção é Artista Visual, Arquiteta e Professora Associada do VIS/IdA/UnB. Doutorado em Arts et Science de L'art na Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne) e Pós-Doc na École nationale supérieure d'architecture de Paris-La Villette (ENSAPLV) GERPHAU. Pesquisa a relação entre arte-cidade-natureza, processos artísticos ancorados em escultura, performance e tecnologias digitais. Líder do grupo de pesquisa GEPPA/CNPq. <http://lattes.cnpq.br/1324439742747081>

Paulo Vega Jr.

Artista plástico/visual, Doutor em Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Arte (PPG-ARTE), da Universidade de Brasília (UnB), área de concentração em Artes Visuais, linha de pesquisa em Poéticas Contemporâneas. Fez seu Estágio Doutoral na Universidade de Varsóvia (UW), no Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos (IBERYSTYKA). É Mestre em Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília. Possui Licenciatura Plena em Educação Artística - Habilitação em Artes Plásticas, pela Universidade de Caxias do Sul/UCS. Seus principais temas são: Arte Conceitual - anos 1960/1970; Arte Contemporânea; Autobiografia; Cotidiano; Identidade; Memória.

Priscilla Rampin

Artista Visual e professora do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia. Realiza trabalhos intermídia principalmente com gravura, fotoperformance e instalação. Cv lattes: CV: <http://lattes.cnpq.br/3247217836806199>

AGRADECIMENTOS

Ao Museu Universitário de Arte da
Universidade Federal de Uberlândia
(MUnA/UFU)

A Rodrigo Freitas Rodrigues
Coordenador Geral do MUnA

Às equipes do MUnA

Ao Instituto de Artes da UFU

Ao Instituto de Artes da Universidade
de Brasília (IdA/UnB)

Aos artistas participantes do GEPPA

FICHA TÉCNICA

Exposição

Curadoria

Capra Maia

Artistas

Adriana Araujo
Ana Lúcia Canetti
Anésio Azevedo Costa Neto
(stellatum_)
Capra Maia
Havane Melo
Léo Tavares
Nivalda Assunção
Paulo Vega Jr.
Priscila Rampin

Produção executiva

Capra Maia
Karine Lima
Priscila Rampin

Expografia

Karine Lima

Equipe do MUnA

Coordenação Geral e do Setor de
Montagem e Expografia:
Rodrigo Freitas Rodrigues

Coordenador do Setor de Acervo:
Alexander Gaiotto

Coordenador dos Setores de
Programação Visual e Informática:
Douglas de Paula

Coordenadora do Setor de Educativo:
Elsiene Coelho da Silva

Coordenadora do Setor de
Comunicação:
Mirna Tonus

Participantes da montagem
Ana Luísa Melgaço Guimarães
(Bolsista)
Corinne Barbosa Caldeira (Bolsista)
Rebecca Emília de Andrade Miotto
(Bolsista)
Sofia Martins de Oliveira (Bolsista)

Livro

Organização

Nivalda Assunção
Havane Melo

Textos de Apresentação:

Nivalda Assunção
Capra Maia
Rodrigo de Freitas

Comissão editorial:

Gabriela Lafetá - UFSJ
Ludimila Moreira Menezes - UnB
Tiago Samuel Bassani - IA/Unicamp

Textos de Artistas

Adriana Araujo
Ana Lúcia Canetti
Anésio Azevedo Costa Neto
Capra Maia
Havane Melo
Léo Tavares
Nivalda Assunção
Paulo Vega Jr.
Priscila Rampim

Projeto gráfico e Fotografia

Havane Melo

Imagem da capa

Nivalda Assunção

Revisão

Léo Tavares



ISBN: 978-65-980928-4-9

CSL



9 786598 092849